

“CORRENTE DE PIEDADE”: CARIDADE E MIGRAÇÃO CEARENSE PARA A AMAZÔNIA (SÉCULOS XIX-XX)

Franciane Gama Lacerda^{1*}
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumen: El texto discute las acciones caritativas desenvueltas en Belém de Pará en el cambio del siglo XIX para el XX, momento de crecimiento poblacional de esa ciudad en virtud de los procesos migratorios. En ese contexto, cuestiones como el miedo de los grupos de emigrantes pobres, civilización, progreso y modernidad, darán la tónica de muchas de esas acciones. Se trata así de reflexionar sobre los significados atribuidos a la filantropía tanto por los poderes públicos, como por la población local.

Abstract: This text focuses on the role played by charities in Belém of Pará (Brazil) at the end of the nineteenth and beginning of the twentieth centuries, when population increased owing to massive migration from the northeast region of Brazil. In this context issues such as the fear of migrants, civilization, progress and modernity, organized the efforts of part of the population towards the new arrived. The article thus discusses the diverse meanings given to philanthropy by authorities and local population.

Em maio de 1910, um articulista do jornal *Folha do Norte*, que circulava em Belém do Pará, descrevia essa capital como “uma vasta colméia de malandrins e mendigos” que viviam a abordar nas “vias públicas, à porta dos cafés, nas paradas de bonde” e até mesmo em muitos “lares” os moradores da cidade. Descritos como um “rebanho famulento” o articulista lembrava que esse grupo “divorciado do trabalho honesto”, vivendo em “vadiice parasitária” deveria “ser varrido das vias públicas” a fim de ser colocado em estabelecimentos onde se aplicava a “disciplina” e se exercia a “coerção”. Sem dúvida, as preocupações do articulista anônimo se estendiam para uma parte da população de Belém que na primeira década do século XX se via às voltas com um intenso aumento populacional em função da migração. Esse processo gerava problemas com os quais as elites tinham que lidar a exemplo de grupos de despossuídos urbanos que lutavam por um lugar na cidade o que muito parecia incomodar o articu-

1. *Atualmente desenvolve o Projeto de pesquisa intitulado “Imigração e devastação da região bragantina (1883-1916)” e o projeto “Literatura de cordel e experiências culturais em Belém do Pará nas primeiras décadas do século XX”, financiado pelo PARD/UFPA. Agradeço a leitura atenta do Prof. Marcos Antonio da Silva e de Rafael Chambouleyron.

lista da *Folha Norte*. Assim, no afã de exigir das autoridades providências e de talvez conclamar seus leitores a uma cruzada contra com os pobres que viviam a esmolar pelas ruas de Belém, o articulista rememorava um “passado não remoto”, quando os mendigos, pelo seu olhar, pareciam mais piedosos, mais conformados com a sua situação “cantando como tropeiros joviais” versos de agradecimento com “enternecimentos comovidos” e “esmolando ao som do banza o pão para a miséria da boca”².

As questões apontadas pelo articulista do periódico colocam em evidência um problema grave que afligia as elites urbanas desde finais do século XIX: o que fazer com tantos pedintes esmolando pelas ruas? Em Belém o aumento populacional e a conseqüente miséria gerada pela falta de trabalho, de moradia, de assistência médica, fazia com que muitos grupos de desfavorecidos sociais fossem alvo de temor, na medida em que sobreviviam através da caridade pública, sendo constantemente alvo de práticas disciplinatórias, como a reclusão em instituições cuja finalidade era inserir o indivíduo no mundo do trabalho. No estado do Pará organizações como o “Instituto Lauro Sodré”³ e no interior do estado estabelecimentos agrícolas como o núcleo colonial de Maracanã, tiveram essa função social⁴.

Entre os anos de 1889 e 1916, o Pará experimentará em vários momentos a chegada de um grande número de migrantes que se deslocavam do Estado do Ceará, em decorrência de muitas secas que assolaram essa região e também em busca de trabalho nos seringais, como extratores de látex, ou de terras para o estabelecimento de lavouras, financiadas pelo Estado. De fato, no Pará da virada do século XIX para o XX, incentivos à produção agrícola dados pelos poderes públicos e a importância que o látex tinha na economia local apontavam para esse espaço de possibilidades de uma vida melhor para aqueles que nessa região se instalassem. Essas muitas possibilidades sem dúvida contribuiriam para a constituição de uma variedade de experiências sociais em torno da chegada e permanência de migrantes cearenses no Pará. Dentre elas, uma experiência importante foram as ações caritativas que se desenvolveram com os migrantes que aportavam no Pará nos períodos de seca no Ceará; refle-

2. *Folha do Norte*. Belém, 21 de maio de 1910, p.1.

3. Um trecho do discurso proferido pelo diretor Ernesto Mattoso, do Instituto Lauro Sodré em 1908 permite perceber um pouco dessa idéia: “(...) alegria porque vejo esses moços, que aqui entraram sem nenhuma instrução, saírem hoje educados, instruídos, aptos pela arte que aqui aprenderam, a avolumar as fileiras de cidadãos úteis a si e à Pátria” (Sessão, 1908: 5).

4. Ernesto Cruz refere-se à lei 588, de 23 de junho de 1898, “decretada pelo Congresso estadual e sancionada pelo Governador Paes de Carvalho” que “autorizava a fundação” de núcleos voltados para o recolhimento e educação de filhos de indígenas e de menores considerados “desvalidos”. Segundo Ernesto Cruz, citando um trecho dessa lei, o dispositivo legal objetivava formar “cidadãos úteis à pátria e família”. Um desses espaços foi o núcleo “Santo Antonio do Maracanã” (Cruz, 1958: 131). Fernando Lourenço, referindo-se às últimas décadas do século XIX, em São Paulo reporta-se aos “internatos agrícolas”, idealizados como uma forma de “desarmar” as ações dos grupos perturbadores da ordem como menores pobres, filhos de operários, agitadores que faziam greves (Lourenço, 2001: 169)

tir sobre essas ações nos parece um caminho profícuo para entendermos um pouco desse contexto social.

De fato, as ações de caridade revelam a forma como os migrantes são vistos logo que aportavam em Belém, e ao mesmo tempo a própria preocupação por parte de uma parcela da população paraense com os possíveis problemas sociais que essa multidão de pessoas sem trabalho poderia gerar. Assim, se de um lado a população a fim de ajudar esses recém-chegados ou seus conterrâneos que ficavam no Ceará, se organizava em entidades filantrópicas movida por valores cristãos e humanistas, de outro lado, o temor e o incômodo expressados pelo articulista da *Folha do Norte* foram também componentes importantes para as manifestações de beneficência organizadas em relação aos migrantes em tempo de seca no Ceará.

Desse modo, em 1898, o governador do Pará, Paes de Carvalho, considerado um grande incentivador da migração e da localização de migrantes cearenses no Pará, chamava os cearenses de “laboriosa, sofredora e inteligente população”, “população irmã”, “compatriotas”, afirmando, por ocasião da seca de 1898, que o Pará já estava aparelhado “para oferecer o conforto afetuoso e o domicílio tranqüilo” (*Mensagem*, 1899: 49). No entanto, quando de fato começaram a se encaminhar para a região muitos retirantes da seca, no ano de 1899, o discurso foi outro, e o governador afirmava que, apesar de não poupar “sacrifícios” para que os migrantes estivessem “satisfeitos”, o Estado não estava inteiramente preparado para “receber e agasalhar esses infelizes compatriotas” (*Mensagem*, 1899: 25).

Em 1900, quando começavam a chegar novamente flagelados cearenses pela seca, o mesmo governador Paes de Carvalho, asseverava que tinham sido “extraordinárias” as despesas feitas para a “preparação de lotes, abertura de estradas, construção de casas e localização de colonos nacionais” (*Mensagem*, 1900: 70). Na verdade, Paes de Carvalho, como ardoroso defensor da República que era, acreditava que a localização de migrantes nacionais no Pará era uma “obra de humanidade e patriotismo” (*Mensagem*, 1901: 72). Nesse sentido, entendia-se a o auxílio prestado à migração como um dever patriótico a que o Pará se impunha. Por outro lado, o Estado Republicano representado por Paes de Carvalho reconhecia que esse auxílio não seria em vão, uma vez que, como trabalhadores, esses grupos poderiam contribuir “patrioticamente para o progresso e prosperidade” do Pará (*Mensagem*, 1900: 70).

De fato, as “generosas e altruísticas tradições”, como se referiu o governador do Pará Augusto Montenegro aos auxílios prestados por seu antecessor, Paes de Carvalho, aos flagelados pela seca são evocadas novamente em 1904, quando o Ceará experimenta mais um período de estiagem. Desse modo, em sua Mensagem anual de 7 de setembro, dentre os assuntos tratados, Augusto Montenegro dedicava uma parte aos “Socorros aos famintos”, em que dava conta de suas ações para com os cearenses flagelados pela seca. Assim afirmava que não se podia ser “insensível” diante das condições “tristes e lastimáveis em que aqui aportavam os nossos infelizes patrícios” (*Mensagem*, 1904: 40).

Sem dúvida, essas figuras “lastimáveis” dos migrantes empobrecidos que aportavam em Belém não raro causava medo à população. Por outro lado, essa mesma imagem, diante de um ideal de civilização e progresso, também levou a ações filantrópicas, tanto do Estado como dos habitantes de várias partes do Pará, que isoladamente ou em organizações prestaram auxílio aos migrantes. Através da imprensa, é possível perceber que frente à miséria dos flagelados que aportavam em Belém, por piedade cristã e igualmente por valores de civilidade, muitos foram aqueles que participavam ativamente de campanhas em prol desses recém-chegados.

Assim, no mesmo ano dos pronunciamentos de Paes de Carvalho em 1898, após ser divulgada na imprensa a notícia do suicídio de um cearense que se jogara no rio deixando a família em desamparo, ocorreram várias manifestações de ajuda aos migrantes⁵. Essas doações em dinheiro eram entregues na redação do jornal *Folha do Norte* e diariamente divulgadas possivelmente no intuito de angariar mais fundos para a causa da pobre viúva, que o periódico parecia tomar como sua protegida. Na verdade, esse caso não foi o único a sensibilizar a população de Belém.

Nos períodos de seca no Ceará, com a chegada de muitos cearenses, é comum encontrarmos referências a auxílios prestados pela população. Nesse contexto, percebe-se que as manifestações de filantropia da população se davam de duas maneiras. A primeira delas, através de doações individuais, em que alguém, sensibilizado com o caso, resolvia por conta própria enviar seu óbolo à *Folha do Norte*, por exemplo. A segunda, através de grupos organizados, como a *Sociedade Beneficente e Literária José de Alencar*, a *Associação Humanitária Liga Cearense* e a *Associação de Assistência aos flagelados pela seca*, cujas ações eram pautadas por uma abrangência maior, mobilizando a própria população a colaborar com a causa dos cearenses flagelados pela seca.

Assim, de forma individual, prestaram auxílio à família do migrante cearense Mariano, que se suicidara, “distintos moços”, que pretendiam fazer uma “manifestação simpática a um amigo”, mas que diante das dificuldades enfrentadas pela viúva, enviaram à *Folha do Norte*, a quantia de 10\$000, “saldo das despesas da festa”. Do mesmo modo, “um cidadão”, que assinava apenas como “Um Cearense”, enviava sua contribuição. Além dessas doações, alguns negociantes como os proprietários do vapor Mapuá, ou comerciantes, como um tal Luiz França, promoveram subscrições em prol da família de Mariano⁶. Essa filantropia era chamada pela imprensa de “caridade pública”, uma vez que se estendia a muitos grupos de flagelados pela seca⁷.

5. *Folha do Norte*. Belém, 19 de abril de 1898, p. 2.

6. *Folha do Norte*, dias 20 e 22 de abril de 1898, p. 2.

7. *Folha do Norte*. Belém, 23 de abril de 1898, p. 2.

Diante de tantos pobres e de tantos cearenses vivendo em dificuldade, o que movia a população a se manifestar, buscando prestar socorro à família enlutada, era também a publicidade que o caso tomou. Não resta dúvida de que a imprensa teve papel importante na publicização do suicídio de Mariano ocorrido no vapor *Brasil* e nos desdobramentos desse episódio. Mas, além disso, não se pode perder de vista a dimensão religiosa cristã que impunha um sentimento de amor ao próximo à população diante da desgraça do outro. Um bom exemplo disso é um trecho de uma carta, possivelmente escrita por um hispano-parlante ao diretor da *Folha do Norte*, no momento em que enviava seu óbolo a “infelizmente viúva” de Mariano: “El alivio de un dolor es siempre obligación sagrada de todos los que pueden hacerlo”⁸.

Longe de revelar apenas o amor ao próximo, as ações de filantropia expressam também os significados que os envolvidos com as manifestações de caridade davam à pobreza, além de revelarem o grau de importância social que esses filantropos tinham na sociedade paraense. Ao abrir, por exemplo, uma subscrição entre os amigos ou clientes, o comerciante não deixava de ligar seu nome ao socorro aos necessitados, ao mesmo tempo em que poderia medir sua influência na sociedade diante do atendimento ou não de sua solicitação.

Natalie Zemon Davis, mesmo estudando um tempo e espaço completamente diversos, ao examinar a pobreza em Lyon, em meados do século XVI, destaca algumas questões importantes para a reflexão que ora tratamos, como a questão do crescimento populacional gerado pela imigração e o aumento do número de mendigos nas ruas de Lyon. Segundo a autora, esses grupos eram vistos como uma ameaça tanto para a “saúde física e espiritual quanto à propriedade e o poder”, fazendo aparecer o que essa autora chamou de “caridade organizada”, caracterizada por uma organização empenhada em distribuir comida para os famintos, modificando assim os atos de caridade, que saía das “mãos eclesiásticas para as leigas”. Nesse contexto, a autora conclui algo bastante inspirador para se pensar a atividade de filantropia que se instituiu em Belém entre 1900 e 1915: o fato de que os humanistas lionenses, “inspirados por amor e pelo medo”, construíram ações visando a minimizar os problemas da pobreza (Davis, 1990: 23-58).

Os momentos em que a vinda de cearenses era mais intensa foram marcados pelas manifestações de sociedades locais, organizadas em nome de um interesse comum, a ajuda aos flagelados pela seca que aportavam em Belém, ou mesmo para aqueles que permaneciam no Ceará. Dentro desse trabalho assistencialista, em 1900, com as notícias da “peste negra”, no Ceará, vemos a *Sociedade Beneficente Literária José de Alencar* instalada em Belém em 1898⁹, empenhada no que a *Folha de Norte* chamou de “corrente de piedade”, que “impulsionou a família paraense”. Essa Sociedade, através da imprensa, convocava a “colônia

8. *Folha do Norte*. Belém, 24 de abril de 1898, p. 2.

9. *Folha do Norte*. Belém, 20 de abril de 1898, p. 2.

cearense” e pedia ajuda do “povo paraense”. Previa-se com essas convocações a criação de outra entidade com finalidade filantrópica, a *Liga Cearense*, organização que segunda a imprensa local pretendia “proteger por todos os meios ao seu alcance, aquele povo infeliz nessa cruel emergência”¹⁰.

De fato, no início de setembro de 1900, foi instituída a *Liga Cearense* que também mantinha alguns delegados no Estado do Ceará, como o Barão Studart, os desembargadores Paulino Nogueira Borges da Fonseca e Joaquim Bastos de Oliveira, coronel Deodato Martins, coronel Hermelindo Macahyba, José Meneleu de Pontes, cônego Bruno Rodrigues de Figueiredo, doutor Farias Brito e coronel João da Costa Bastos, revelando uma ligação com figuras influentes do Ceará. Além de empreender ações para os migrantes que chegavam ao Pará, também se propunha a enviar auxílios ao Estado do Ceará, que seriam distribuídos pelos delegados que a *Liga* mantinha nesse Estado¹¹.

A abrangência da *Liga Cearense* talvez tenha sido uma de suas marcas, uma vez que seus dirigentes, empenhados em angariar fundos para a causa dos flagelados da seca, mantinham em todo o Estado cinco “comissões distritais”, que enquadravam lugares como Pinheiro, Mosqueiro, Santa Izabel, Castanhal, e até mesmo na região do Purus. As doações nesses lugares eram recolhidas através de subscrições abertas, para quem desejasse contribuir, onde se buscava “angariar donativos em favor dos socorridos da Liga”¹². Na verdade, essas associações não ficavam restritas somente à cidade de Belém. Em 1915, por exemplo, a *Assistência aos Flagelados pela Seca* também parecia manter contato com outras localidades do Estado, no sentido de que se prestasse auxílio aos retirantes. Esse foi o caso do vigário Arão Andrade, da cidade de Bragança, que convidou algumas pessoas da elite local, como o intendente, o juiz de direito e o promotor público, a fim de se integrarem na obra filantrópica proposta pela associação¹³.

Uma questão importante sugerida por essa abrangência da *Liga* diz respeito à participação também de muitos migrantes cearenses, que moravam nessas localidades. Castanhal e Santa Izabel, por exemplo, foram vilas fundadas em finais do século XIX, que tinham em sua maioria como moradores, migrantes nordestinos vindos para a região para trabalharem na lavoura. A região do Purus se caracterizava pelos muitos seringais que possuía, notadamente com trabalhadores nordestinos. Assim, pode-se dizer que as contribuições angariadas nesses lugares eram fruto do trabalho de muitos migrantes já estabelecidos no Pará.

O auxílio prestado pelos próprios cearenses que já estavam no Pará aos flagelados pela seca sugere a construção de uma identidade dos migrantes e também laços de solidariedade marcados pela caridade. Para os organizadores da *Associação Humanitária Liga Cearense*, a beneficência empreendida pelo grupo

10. *Folha do Norte*. Belém, 31 de agosto de 1900, p. 2.

11. *Folha do Norte*. Belém, 3 de setembro de 1900, p. 3.

12. *Folha do Norte*. Belém, 14 de setembro de 1900, p. 2.

13. *Folha do Norte*. Belém, 8 de setembro de 1915, p. 3.

era entendida como um esforço de “valor patriótico e humanitário”. Assim, considerando-se que as ações da *Liga* eram também patrióticas, a Amazônia era representada como uma terra “generosa”, que oferecia “a mão de sua caridade aos que quisessem”, a partir da “filantropia pública”, e do trabalho daqueles que quisessem “desentranhar as riquezas de seu solo opulento”¹⁴.

Logo depois da fundação da *Liga Cearense*, visando também mobilizar a população, o jornal *Folha do Norte* conclamava seus leitores a se congregarem em prol da “vasta obra de altruísmo” proposta por essa “nova associação de caridade”. Para isso, chamava atenção para duas características que marcavam o Ceará. A primeira seria a situação aflitiva em que se debatiam, no dizer da imprensa, “os nossos irmãos do Ceará”; a segunda evocava uma tradição em que esse Estado é representado como uma terra que sempre buscou minorar o sofrimento do seu povo, a exemplo da abolição da escravidão que, nesse “recanto glorioso do norte”, teve o “grito primeiro do escravo libertado”¹⁵.

Evocando um passado glorioso do Ceará e, ao mesmo tempo, as agruras da seca, buscava-se sensibilizar o público para que contribuísse com a obra de caridade que a *Liga Cearense* visava a implementar¹⁶. O pedido da *Folha do Norte* parecia sensibilizar a população, uma vez que aproximadamente 15 dias depois de fundada a *Liga Cearense*, já contava com “perto de quinhentos sócios”. Nas reuniões dessa Associação, periodicamente anunciadas pela Imprensa, era comum a proposta de adesão de novos sócios¹⁷.

A *Liga Cearense* e a *Assistência aos Flagelados pela Seca* buscaram mobilizar a população e angariar fundos para sua obra filantrópica de diversas formas, como as listas de subscrições e os chamados bandos precatórios que percorriam as ruas da cidade “esmolando” em nome de alguma causa considerada nobre. Em setembro de 1900, por exemplo, a *Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários do Pará*, aliada a outros grupos como as *Comissões das Sociedades Santa Rosa, Empregados do Comércio, Trabalhadores do Mar e Terra da Amazônia, Liga Cearense, Nossa Senhora da Batalha, Santa Rita dos Impossíveis, Santa Cecília, Liga dos Socorros Mútuos, União Vigiense*, “e muitas outras além de uma comissão de gentis senhoras”, saiu por algumas ruas de Belém, em causa própria e também pelas “vítimas da seca do Ceará”¹⁸. Alguns dias depois, os membros da *Liga* desdobravam-se na venda de “bilhetes” premiados, em lugares movimentados da cidade¹⁹; de “pequenos folhetos”, de

14. *Folha do Norte*. Belém, 8 de setembro de 1900, p. 2.

15. *Folha do Norte*. Belém, 8 de setembro de 1900, p. 2. Arthur Cezar Ferreira Reis, ao falar das secas que assolaram o Ceará, também não deixa de fazer referência a um passado glorioso desse estado, deixado de lado nos momentos de seca quando ganhava força “capítulos da geografia das calamidades” (Reis, 1966: 492).

16. *Folha do Norte*. Belém, 8 de setembro de 1900, p. 2.

17. *Folha do Norte*. Belém, 14 de setembro de 1900, p. 2.

18. *Folha do Norte*. Belém, 25 de setembro de 1900, p. 1

19. *Folha do Norte*. Belém, 16 de outubro de 1900, p. 2

produções literárias²⁰; com a cobrança de “jóias, mensalidades”²¹; recebendo doações e promovendo bandos precatórios.

Além da ajuda que a *Liga Cearense* efetuava no Pará, o envio de dinheiro arrecadado, para os flagelados que estavam no Ceará, tornou-se uma prática importante nas ações dessa associação, que anunciava na imprensa local o seu compromisso em “socorrer os necessitados” cearenses²². Assim, em 1º de outubro, com a “presença de muitos sócios”, tratou-se de mandar pelo paquete S. *Salvador* o tão propagado dinheiro para as vítimas da seca²³. Tratava-se de 20 contos de réis enviados conforme a imprensa como um “óbolo de caridade” visando a “construção de casinhas para abrigos de emigrantes”, que estavam “expostos ao relento” em Fortaleza e também a construção de poços para “o abastecimento de água”²⁴.

A ajuda aos atingidos pelas secas revela uma preocupação com a ordem, com a disciplinarização, com o próprio medo em relação às ações de grupos de famintos e desocupados. Por outro lado, a mobilização da sociedade em prol dos flagelados da seca indica igualmente a importância que esse problema tinha para os moradores de Belém. Além disso, expressa valores caritativos e identitários que moviam a população a sair pelas ruas “esmolando”, em nome dos cearenses. Não resta dúvida, por exemplo, de que os bandos precatórios se formavam em função de alguma causa que se considerava nobre, dando conta, assim, de valores morais, religiosos e humanitários que norteavam a conduta de parte da sociedade paraense²⁵.

Ao longo dos anos, a *Liga Cearense* foi se fortalecendo e igualmente sendo ponto de referência para muitos cearenses que viviam em Belém. Exemplo modelar da importância dessa organização é o fato de que, quase dez anos depois de sua criação, em abril de 1910, o cearense Luiz Martiniano Barbosa, que pertencia a *Liga Cearense*, solicitava a “intervenção” dessa associação a fim de “reaver” sua filha menor, que vivia com uma mulher considerada de má conduta, “por intermédio da polícia”²⁶. Esse episódio sugere a importância da *Liga* para os migrantes indicando que esse foi um espaço de construção de identidade para muitos cearenses que viviam em Belém.

De fato, não se pode negar a relevância da *Liga Cearense*, em 1915, mais de uma década depois da fundação dessa entidade filantrópica encontramos nos

20. *Folha do Norte*. Belém, 27 de outubro de 1900, p. 2.

21. *Folha do Norte*. Belém, 11 de novembro de 1900, p. 2.

22. *Folha do Norte*. Belém, 28 de setembro de 1900, p. 3.

23. *Folha do Norte*. Belém, 3 de outubro de 1900, p. 1. O envio de auxílio ao Ceará não deixou de ser registrado pelos governantes cearenses, que nos períodos de seca recebiam ajuda encaminhada de várias cidades brasileiras. Arthur Cezar Ferreira Reis enfatiza que nos anos de seca de 1903-1904, 1908-1909 e 1914-15, “repetiram-se as ajudas em dinheiro, roupas, remédios e alimentos remetidos pelo governo central, pelos governos e populações dos Estados não alcançados pelas crises” (Reis, 1966: 492-493).

24. *Folha do Norte*. Belém, 11 de novembro de 1900, p. 2.

25. *Folha do Norte*. Belém, 8 de julho de 1900, p. 1; *Folha do Norte*. Belém, 9 de julho de 1900, p. 2.

26. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1910, p. 1.

jornais referências a sua atuação no Pará²⁷. Assim, quando da seca de 1915, mais uma vez parte da população de Belém e de cidades do interior do Pará se organiza em favor dos flagelados pela seca que assolava o Ceará. O que diferenciava as campanhas humanitárias que se construíram com a seca de 1915 é que, além desse caráter assistencialista, caritativo, um grupo em especial, a *Assistência aos Flagelados pela Seca*, fundada em 17 de julho de 1915, deixava bastante evidente que suas intenções altruísticas passavam também por integrar o migrante a atividades produtivas encaminhando-o para a agricultura²⁸.

Isso não quer dizer que a ajuda aos cearenses não fosse entendida como um ato de caridade, dentro das perspectivas cristãs da importância de se dar esmolas aos pobres e necessitados – embora a *Assistência aos Flagelados pela Seca* não destacasse essa nuance da filantropia. Em julho de 1915, quando a cidade se preparava para a comemoração dos 300 anos de sua fundação, ao lado da publicação do “Canto do centenário”, a *Folha do Norte*, trazia uma pequena nota intitulada “Esmola aos imigrantes cearenses”. Informava assim aos seus leitores, que um “distinto cavalheiro”, distribuiria na manhã do dia 20 de julho, no Largo de Nazaré esmolas “aos imigrantes cearenses” recentemente “chegados a capital paraense”²⁹. Ao pedir ajuda aos flagelados pela seca, quase como um *slogan*, a *Folha do Norte* referia-se à *Assistência aos Flagelados pela Seca* como a instituição que dava o “pão” e procurava o “trabalho” para os recém-chegados a Belém³⁰. Pão e trabalho foram as duas vertentes de ação dessa associação, que, de maneiras variadas, buscava fornecer ajuda aos flagelados pela seca.

Em Belém em um “velho casarão”, no Largo da Sé, onde outrora havia funcionado o hospital militar, eram recolhidos os migrantes recém-chegados à cidade³¹. Nos primeiros dias de chegada do migrante à improvisada hospedaria, o serviço sanitário procedia à vacinação do grupo, seguida de visita médica³². Além desses serviços, na “hospedaria cedida pelo governo”, os migrantes recebiam alimentação, nos momentos de grande fluxo de pessoas, como em agosto de 1915, quando alimentou-se “para mais de 500 emigrantes”; gastava-se “diariamente a importância de duzentos e tanto mil réis”, em carne, feijão,

27. Encontramos referências à *Liga Cearense* também em 1915, quando começam as reuniões para a organização das ações da *Assistência aos Flagelados pela Seca*. Cf. *Folha do Norte*. Belém, 19 de julho de 1915, p. 1. Nesse mesmo ano de 1915 dentre os donativos recebidos pela *Assistência aos Flagelados pela Seca*, registram-se 150\$000 réis adquiridos através de uma subscrição feita pela *Liga Cearense*. Cf. *Folha do Norte*. Belém, 3 de setembro de 1915, p. 3. Em 1915, também, o jornal *A Tarde* referia-se a escolha de uma nova diretoria para a *Liga Cearense*. Cf. *A Tarde*. Belém, 15 de outubro de 1915, p. 1.

28. *Folha do Norte*. Belém, 17 de julho de 1915, p. 1.

29. *Folha do Norte*. Belém, 18 de julho de 1915, p. 1.

30. *Folha do Norte*. Belém, 9 de setembro de 1915, p. 2.

31. *Folha do Norte*. Belém, 24 de agosto de 1915, p. 2.

32. *Folha do Norte*. Belém, 24 de agosto, de 1915, p. 2

arroz, leite e outros alimentos³³. Parece-nos que a permanência do migrante na hospedaria não era muito prolongada, pois a própria *Assistência* buscava inserir o recém-chegado em atividades produtivas, como o trabalho na agricultura e nos seringais.

Fazendo parte das ações desenvolvidas pela *Assistência aos Flagelados pela Seca*, vemos muito presente um projeto de incorporação do trabalhador às atividades produtivas na agricultura ou na extração do látex, que mesmo em menor escala, ainda era um produto importante em 1915. Essa ação se inseria num ideário de produção agrícola, que sempre foi alvo de grupos letrados paraenses, os quais, nas últimas décadas do século XIX, mas, sobretudo com a crise da economia da borracha, colocavam na lavoura o ideal de uma sociedade moderna e progressista³⁴. Também não se pode perder de vista o fato de que, ao se buscar ocupação para os migrantes, procurava-se também manter a ordem e a disciplina na cidade³⁵. Nesse contexto, entretanto, os migrantes não podem ser pensados como sujeitos passivos, como que obrigados a trabalhar, uma vez que, ao se deslocarem de seu lugar de origem, também vinham para o Pará em busca de trabalho, também acreditavam que sua inserção em atividades produtivas é que os levaria à prosperidade na Amazônia.

Algumas das ações da *Assistência* revelam indícios dessa preocupação com a produção. Nos planos dessa “altruística obra”, estava o de encaminhar o retirante da seca, “de preferência” para a agricultura³⁶. Para isso, dentre as atribuições a que se propunha a *Assistência*, como, por exemplo, a de publicar balancetes do “movimento financeiro”, dos “donativos recebidos”, dos “gêneros entrados e saídos do almoxarifado” do “movimento da enfermaria e do serviço sanitário”, estava a de publicar também o nome dos proprietários e dos “estabelecimentos rurais” que dessem “colocação aos emigrantes”. Em tom de propaganda, a *Folha do Norte* assegurava que essa associação oferecia serviços para a “colocação de bons trabalhadores”, aceitando pedidos de “particulares” ou de “governos municipais” que desejassem “fomentar o povoamen-

33. *Folha do Norte*. Belém, 27 de agosto de 1915, p. 2.

34. De acordo com Enéas Martins, governador do Pará em 1916, a situação que se atravessava exigia, “uma intervenção mais enérgica no fomento da agricultura”, pois era “irrefragável que só pela produção agrícola” se pudesse “assegurar a salvação comum e libertar o Estado da tirania da borracha, pondo-o em condições de prosperidade econômica estável” (*Mensagem*, 1916: 93). Um ano antes, Manuel Barata escrevia: “Libertemo-nos do fetichismo da borracha. Trabalhemos. Trabalhemos na cultura da terra e na exploração de outras fontes de riqueza, que não nos faltam, e que aí se estão oferecendo à nossa atividade produtora. Levantemos das ruínas a nossa prosperidade” (Barata, 1915: 47). Sobre esta questão ver: Lacerda, 2006: 259-318.

35. Bronislaw Geremek, lembra que “o trabalho como dever dos pobres e fundamento do seu estatuto. A criação de possibilidades de trabalho constitui uma forma de assistência social e, ao mesmo tempo, de luta contra a decadência da moral social, (...) o trabalho aparece como uma panacéia quer contra a miséria quer contra a delinquência” (Geremek, 1986: 276).

36. *Folha do Norte*. Belém, 17 de julho de 1915, p. 1.

to e a lavoura de seu território”³⁷. Esse foi um discurso muito presente, como uma meta a ser atingida para o desenvolvimento do Pará.

Ao mesmo tempo, falava-se na Imprensa das vantagens de se ter como trabalhadores “os sertanejos imigrantes”, que enriqueceriam o Estado do Pará, “como produtores e consumidores de nossas riquezas”. Pensamento, raro aliás, no que se refere aos retirantes da seca, vistos quase sempre somente como trabalhadores explorados. Por essa perspectiva, entretanto, o migrante não era encarado exclusivamente como força de trabalho, mas como alguém que também era um consumidor. Sua importância nesse contexto era justamente a de contribuir para a economia local. Assim, a *Assistência* informava ao público as diversas atividades em que os migrantes poderiam se empregar: “seringais, cacauais, estabelecimentos de lavoura, fazendas de criação, serrarias, olarias”³⁸.

Para levar adiante essas suas atividades, entre 1915 e 1916, os membros da *Assistência aos Flagelados pela Seca* se esmeravam em programações que visavam a angariar fundos. A *Assistência* não estava só nessa empreitada congregando grupos bastante heterogêneos, simpatizantes dos objetivos que essa associação propunha. A título de exemplo, podem ser citados os maçons, que, por meio da *Loja Maçônica Padre Eutíquio*, promoveram um bando precatório³⁹; a *Associação de Imprensa*, que foi um dos grupos articuladores dessa instituição⁴⁰; a *União Síria*, que mobilizou membros importantes de sua colônia a fim de contribuírem com doações⁴¹; vários comerciantes estrangeiros, como os alemães⁴², entre outros; a Igreja Católica, através de doações de roupas e dinheiro do arcebispo, Dom Santino Coutinho⁴³, e do trabalho das *Filhas de Maria*, envolvidas na preparação do natal das crianças⁴⁴.

Em suas andanças pelas ruas de Belém as *Filhas de Maria* recolhiam uma variedade de produtos doados pela população como: dinheiro, caixinhas com brinquedos, copos, bacias, seis pires, cortes, touquinhas, retalhos de fazenda,

37. *Folha do Norte*. Belém, 19 de julho de 1915, p. 1.

38. *Folha do Norte*. Belém, 24 de agosto de 1915, p. 2.

39. *Folha do Norte*. Belém, 24 de agosto de 1915, p. 2.

40. *Folha do Norte*. Belém, 17 de julho de 1915, p. 1; *Folha do Norte*. Belém, 22 de fevereiro de 1916, p. 3.

41. *Folha do Norte*. Belém 27 de julho de 1915, p. 2.

42. As empresas que contribuíram com o envio da importância de 400\$000 foram: Berringwer & C.^a, Gustava Graeff, Richard Lang, (relojoaria alemã), B. Max Burckhart (fotografia alemã); Seligmann & C.^a, H. Schoeneberg (fotografia Fidanza), P. Steiner (vice-cônsul da Áustria-Hungria), E. Hoeting (comandante do Vapor Rio Grande), membros da fábrica Titânia, Carl Ludwig (diretor da fábrica de cerveja Paraense). Essa doação foi comentada com louvor pela Imprensa local, em virtude de um episódio em que um comerciante inglês “repeliu grosseiramente”, uma comissão de senhoras das *Filhas de Maria*, que passavam por lojas a da capital recolhendo donativos. *Folha do Norte*. Belém, 18 de dezembro de 1915, p. 2; *A Tarde*. Belém, 17 de dezembro de 1915.

43. *Folha do Norte*. Belém, 9 de setembro de 1915, p. 2

44. *Folha do Norte*. Belém, 9 de dezembro de 1915, p. 1; *Folha do Norte*. Belém, 14 de dezembro de 1915, p. 2; *A Tarde*. Belém, 17 de dezembro de 1915, p. 1; *A Tarde*. Belém, 21 de dezembro de 1915, p. 1.

babadouros, fatinhos, vestidinhos, camisas, pares de meia, sapatos, bonés, chapéus, cadernos, paneiros de farinha, manta de pirarucu, café, latas de goiabada, de marmelada, caixas de figo, leite condensado, latas de biscoitos, maisena⁴⁵. Os produtos doados indicam claramente o caráter assistencialista desse movimento de ajuda aos flagelados, bem como a esmola, enquanto uma prerrogativa dos cristãos, no caso aqui católicos de se doar para os mais pobres aquilo que é possível, não importando muitas vezes o que era doado, mas muito mais o ato em si da caridade, que sem dúvida, tomava uma dimensão importante na medida em que fazia parte dos festejos natalinos organizados pela Igreja.

Uma prática importante para angariar fundos para a obra da *Assistência* foi voltada para o lazer da população, quando que se vendiam ingressos para os chamados festivais realizados no campo de *foot-ball*, no *Sport Clube* e no *Teatro da Paz*, e até mesmo para sessões de cinema⁴⁶. Esses eventos davam a tônica de uma animada programação, que contava com o trabalho de vários intelectuais, como a poetisa Elmira Lima⁴⁷. As atividades propostas pela *Assistência* em 1915 ou pelas associações que a auxiliavam, expressam hábitos mais urbanos de parte da população, que incorporava a seu lazer idas ao cinema e partidas de futebol. Nesses momentos, a Imprensa foi parceira importante na divulgação das atividades. O público leitor da *Folha do Norte*, por exemplo, pôde acompanhar diariamente a preparação do “festival” no teatro da Paz⁴⁸.

As manifestações de filantropia da *Assistência aos Flagelados pela Seca* não deixaram de atenuar de alguma maneira as necessidades de muitos cearenses empobrecidos pelas estiagens, entretanto, tomando aqui as reflexões de Bronislaw Geremek sobre a miséria no mundo contemporâneo, essas iniciativas não passaram de “meros paliativos” (Geremek, 1986: 280).

As muitas ações em relação aos migrantes indicam claramente que os cearenses e outros nordestinos que chegaram ao Pará não deixaram de ser percebidos pelos paraenses, pelos imigrantes estrangeiros e nem muito menos

45. Essas doações da população encontram-se registradas ao longo do mês de dezembro de 1915 no jornal *A Tarde*.

46. Os proprietários do Cinema Olympia exibiram o filme *O rei do diamante* em prol dos flagelados. *Folha do Norte*. Belém, 21 de julho de 1915. O Festival *Sport-Club* foi organizado por um grupo de profissionais liberais como médicos, jornalistas e advogados. *Folha do Norte*. Belém, 14 de agosto de 1915, p. 1. Dentre as atividades propostas o *Festival no Teatro da Paz* ganhou destaque na imprensa local.

47. *Folha do Norte*. Belém, 11 de agosto de 1915, p. 3.

48. O programa do espetáculo divulgado pela *Folha do Norte* era o seguinte: “Um eco dos sertões flagelados”, palestra pelo Dr. Almeida Genú, valsa por mlle. Helena Nobre, ‘Monólogo’, por Octavio Pires Junior; ‘Poesias’ de Dona Elmira Lima, de Nicolino Milano, solo ao violino, por Alberto Falcão, ‘Canção do Toureador’, Bizet; ‘Carmem’, por Ulisses Nobre, ‘Salada de frutas’, opereta pelas meninas Pombo, ‘Prosa’, de Hamilton Barata ‘Concerto’ pela Tuna Luso Caixerai; ‘Assalto d’armas’ por uma turma de alunos da Escola de Aprendizes de Marinheiro, e ‘Breves Palavras’, pelo orador da Assistência ao estudante de direito, sr. Genaro Ponte Sousa. O acompanhamento ao piano será feito pelo professor Manoel Paiva”. *Folha do Norte*. Belém, 11 de setembro de 1915, p. 2. *Folha do Norte*. Belém, 11 de setembro de 1915, p. 2.

por seus conterrâneos. Desse modo, por medo de grupos de desocupados e famintos, pela importância que o trabalho tinha para a construção da ordem e do progresso pregados pela nascente República e também (por que não?) por caridade cristã com a máxima do amor ao próximo, construiu-se em torno dos migrantes cearenses ou de flagelados pela seca uma rede de filantropia que se estendia entre o Pará e o Ceará e que, sem dúvida, expressava um ideal de civilidade, compartilhado por parte da sociedade, que marcava a virada do século XIX para o XX, no seu processo de modernidade⁴⁹.

Fuentes y bibliografía

Fuentes

Jornal Folha do Norte (1898-1916)

Jornal A Tarde (1915-1916)

Sessão solene de entrega de diplomas de operários que concluíram os cursos em 1908 (1908). Pará: Typ. do Instituto Lauro Sodré.

Falas e mensagens dos presidentes de província e governadores (<http://www.crl.uchicago.edu/content/brazil>):

Mensagem (1899). --- *enviada à Praça do Comércio do Pará pelo Governador Dr. José Paes de Carvalho em 1º de fevereiro de 1899*. Pará: Imprensa Oficial.

Mensagem (1899). --- *dirigida ao Congresso do Estado pelo Dr. Paes de Carvalho governador do Estado em 7 de abril de 1899*. Belém: Typ. do Diário Oficial.

Mensagem (1900). --- *dirigida ao Congresso do Estado do Pará pelo Dr. José Paes de Carvalho governador do Estado em 1 de fevereiro de 1900*. Belém: Typ do Diário Oficial.

Mensagem (1901). --- *dirigida ao Congresso do Estado do Pará pelo Dr. José Paes de Carvalho, Governador do Estado em 1 de fevereiro de 1901*. Belém: Imprensa Oficial.

Mensagem (1904). --- *dirigida em 7 de setembro de 1904 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro Governador do Estado*. Belém: Imprensa Oficial.

Mensagem (1916). --- *dirigida em 1 de agosto de 1916 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Enéas Martins Governador do Estado*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará.

Bibliografía

BARATA, Manuel de Melo Cardoso (1915). *A antiga produção e exportação do Pará: estudo histórico-econômico*. Belém: Typ. da Livraria Gillet.

BRESCIANI, Maria Stella (1982). *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense.

49. Ver nesse sentido: (Bresciani, 1982; Neves, 2000.)

- CRUZ, Ernesto (1958). *Colonização do Pará*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
- DAVIS, Natalie Zemon (1990). *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GEREMEK, Bronislaw (1986). *A piedade e a força. História da miséria e da caridade na Europa*. Lisboa: Terramar.
- LACERDA, Franciane Gama (2006). *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. São Paulo: Tese de doutorado (História Social), Universidade de São Paulo.
- LOURENÇO, Fernando Antonio (2001). *Agricultura ilustrada: liberalismo e escravidão nas origens da questão agrária brasileira*. Campinas: EdUnicamp.
- NEVES, Frederico de Castro (2000). *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira (1966). "O flagelo das secas através dos tempos". In: *Épocas e visões regionais do Brasil*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas.